

# Cabaré Davida: informação para a rua

Flavio Lenz

Uma instituição persiste em converter hipocrisias (fingem não ver, não querem ver) a contemplar (sentido da palavra 'teatro') uma realidade em que se misturam corpo, sexo, amor, morte. O texto é a narrativa expositiva da existência de um 'cabaré' onde nos encontramos ('seu' Lorival somos todos nós), e é denúncia de burocratas preconceituosos

A peça *Cabaré Davida*, como toda obra teatral, vive de um conflito, a ser ou não solucionado. Um velho freqüentador de bordéis, 'seu' Lorival, enfrenta um problema que não teve na juventude: as mulheres com quem sempre se divertiu sexualmente, do jeito mais intuitivo e natural, mudaram e querem agora incluir um extra na hora H. 'Seu' Lorival é um boêmio escolado, acha que sabe tudo da noite e das meninas — como intimamente se refere a elas — e está 'brônqueado' com a novidade. "Eu sempre vim na zona e nunca usei isso, Linda. Não vai ser agora, burro velho, que eu vou botar vela no meu mastro de navio", diz às tantas para uma companheira de muitos anos, por quem tem um carinho danado. O leitor já percebeu, como o espectador que assiste à peça nas praças, que a novidade é a camisinha.

Mas se entendeu assim, se enganou, como os espectadores lá na rua. O preservativo masculino não é novidade nenhuma. Diz a História que existe desde o século XVI, feito de tripa de carneiro. A novidade, no duro (sem trocadilhos), é a Síndrome da Imunodeficiência Humana, a Sida, ou Aids. Esta, sim, entrou há muito pouco tempo em nossas vidas — são menos de quinze anos de visibilidade, de campanhas. É o vírus HIV, então, o problema do seu Lorival, das meninas e de todos nós.

Na peça *Cabaré Davida*, o equívoco tem o seu propósito. A camisinha é

um meio de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e a Aids, como também da gravidez, coisa que quase todo mundo sabe. Mas, para chegar a usá-la, uma pessoa precisa de mais informações, de conhecimento sobre o HIV, as formas de transmissão, as conseqüências de se contrair o vírus. Precisa saber mais sobre a Sida, para então tomar uma atitude. E aí está o desafio dessa iniciativa: tentar elevar o conhecimento das pessoas para que elas, então, adotem comportamentos mais seguros diante da Aids/Sida.

Educação, informação, conhecimento, atitudes, práticas e comportamento, as palavras-chave deste trabalho. O teatro popular, a arte, um meio de alcançá-las.

## AMADORES E PROFISSIONAIS

Praça Mauá, 6 de setembro de 1999. Dirigidos por Zózimo Bulbul, a cafetina Isaurinha, as prostitutas Linda e Ritinha, o velho Lorival, o jovem Áureo, um terceiro cliente e o garçom apelidado de Garça estréiam uma temporada na capital e no interior do Estado do Rio. Com boa cobertura da imprensa, mas muito trabalho de infraestrutura (transporte, palco, cenário, luz, som e que tais), *Cabaré Davida* arranca umas gargalhadas do público-alvo, profissionais do sexo e seus clientes — informação sem humor não tem graça. Pouco mais de cem pessoas, é um bom começo, num tradicional local de prostituição. Quando a peça termina, os atores descem do palco e

distribuem preservativos e manuais de prevenção.

Essas cenas se repetirão num palco à beira-mar em Macaé, num anfiteatro de Cabo Frio, em um teatro de Barra Mansa (duas vezes), no cais de Angra dos Reis, em um minicirco de Campos, em praças de Duque de Caxias e São João de Meriti, na rodoviária de Niterói. A temporada se encerrou em junho de 2000, no Teatro Armando Gonzaga (Marechal Hermes, Rio), com duas apresentações para convidados. Ao longo de todo esse tempo, uma clara constatação: amantes do sexo, e não só profissionais, gostam do espetáculo, aplaudem, se divertem. Um grupo de professoras de escolas estaduais — dos trinta aos sessenta — dá gargalhadas com as brigas de Linda e Lorival, os trejeitos do Garça, o espanto de Ritinha com o jovem Áureo, um boneco de três metros de altura. A peça confirma seu slogan: “uma comédia para profissionais e amantes do sexo que ensina tudo sobre Aids”.

Eis que entra em cena a cafetina, nossa gorda-loura-felliniana Angela-Isaurinha, uma prostituta da Praça Tiradentes, e se dirige ao público para, em primeiro plano — demais atores e cenário de bordel ao fundo —, perguntar: *Mas gente, o que vocês acham? Será que o Lorival vai tomar uma decisão na vida? Será que ele vai se convencer de que é preciso usar o tal preservativo? Ainda mais agora, que ele vai ficar muito bem informado. Vai fi-*

*car sabendo, por exemplo, que a Aids é transmitida por um vírus chamado HIV, que enfraquece o organismo e faz a gente pegar várias doenças sérias. Ele também vai ficar sabendo que o vírus HIV passa pelo sexo vaginal, anal e até pelo oral, quando a gente não usa camisinha; passa pelo sangue, por isso só devemos usar agulhas descartáveis e nunca uma agulha que outra pessoa já usou; e passa também de mãe pra filho, na hora do parto ou pela amamentação, quando a mãe está infectada. Vocês sabiam disso, pessoal? Pois é, eu acho que o Lorival não sabia, mas agora, com toda a conversa da Linda, da Ritinha, e o manual*

*que está lendo, ele vai se convencer. Querem apostar?*

É um momento de muita atenção, além de especial no projeto: uma prostituta, na vida real, ensina colegas, clientes, professoras, adolescentes, transmitindo-lhes precisas informações. No jargão técnico, quando se trata das profissionais do sexo que estão na platéia, é a educação pelos pares. Num passo ainda maior, uma forma ímpar, incomum e improvável de educação: a prostituta-atriz, do alto de seu palco iluminado, com o comando e a voz da cena, captura os sentidos de professoras, donas de casa e esposas, de adolescentes iniciando sua vida sexual (é



bom lembrar que a epidemia cresce entre mulheres — muitas delas esposas fiéis —, jovens e moradores do interior). Quanto aos clientes, já são presa antiga das educadoras da vida no tema sexo. Com a Aids, e a atenção especial dada às profissionais do sexo por governos e organizações não-governamentais (ONGs), a inquietação e a resistência de 'seu' Lorival vêm sendo enfrentadas com eficiência cada vez maior.

### BUROCRATAS E MORALISTAS

Para não parecer que é tudo muito fácil e bacana, vale tratar das dificuldades. O projeto previa dezessete apresentações e só conseguiu fazer doze, num período de dez meses. O público das seis cidades que ficaram faltando (Petrópolis, Belford Roxo, Nova Iguaçu e mais três áreas de prostituição da capital, Vila Mimosa, Praça Tiradentes e Lapa) não viu a peça por causa dos burocratas e moralistas de plantão. O projeto conta com som, luz e cenário próprios, além da equipe, mas não dispõe de palco e transporte para carga e pessoal, além de precisar de quadro de energia na rua e local para os atores trocarem de roupa. Tudo isso implica parcerias com as prefeituras, muito bem-sucedidas na maioria das apresentações. Mas quando se busca na capital do estado infra-estrutura para apresentar uma peça sobre Aids, da organização não-governamental Davida - Prostituição, Direitos Civis, Saúde, tudo se torna muito difícil.

Embora a cidade viva repleta de palcos para eventos diversos, embora o tema do espetáculo seja obviamente relevante (o Rio é a segunda cidade do País em casos de Aids), embora o projeto já tenha uma história para contar, surgem obstáculos oficiais diversos, corpos moles e má vontade. Na única apresentação de rua na cidade, a da

## A peça *Cabaré Davida* é parte, assim, de um amplo projeto de enfrentamento do estigma, do preconceito e da discriminação que ainda sofrem as Capitus

Praça Mauá, a equipe teve que conseguir toda a infra-estrutura sozinha: palco emprestado, transporte e gerador de luz, pagos pela instituição, divulgação, autorização para uso do local. Nas outras três cidades, a burocracia ou a falta de empenho, interesse e competência dos setores de Saúde e Educação imperaram.

As parcerias são elemento fundamental em projetos como este, de intervenção comportamental no campo da Aids. A maior delas é estabelecida com o governo federal (Coordenação Nacional de doenças sexualmente transmissíveis e Aids do Ministério da Saúde), que financia limitadamente, com recursos da Unesco, o projeto: pessoal, alguns equipamentos e consultorias, preservativos, até figurinos, no caso do *Cabaré Davida*. Parceria que, diga-se, tem origem numa longa trajetória da sociedade civil, a cada dia mais bem compreendida pela sociedade e pelo governo. No campo específico das ações pelos direitos civis das profissionais do sexo, iniciadas em 1987 com o I Encontro Nacional de Prostitutas — idealizado por Gabriela Silva Leite, diretora de Davida —, a parceria com o governo federal é de 1989. Num caso raro de continuidade administrativa e política, prossegue desde então. Mas, evidentemente, não é possível prover tudo. E, mais do que isso, firmar parcerias também com ór-

gãos governamentais locais constitui importante passo para ações e políticas públicas democráticas e participativas, que garantam benefícios reais para a população.

Além disso, nem todos os governos e ONGs juntos podem fazer tudo. Pessoas físicas e a iniciativa privada também são parceiros fundamentais para a sociedade civil. Ainda assim, é possível deparar-se com um autor de música que, mesmo para um evento não-comercial, educativo e sem fins lucrativos, é incapaz de dispensar direitos autorais.

### ELE E NÓS

A peça *Cabaré Davida* é parte, assim, de um amplo projeto de enfrentamento do estigma, do preconceito e da discriminação que ainda sofrem as Capitus. Das apresentações experimentais, em 1994, à retomada em 1999 do projeto, que inclui um vídeo do espetáculo, já produzido, *Cabaré Davida* representa uma nova conquista no longo trabalho pela organização das profissionais do sexo e pelo fortalecimento de sua auto-estima.

No fim da peça, 'seu' Lorival informado e quase convencido, as educadoras Isaurinha, Linda e Ritinha arquitetam o "golpe de misericórdia no velho". Tiram do fundo do baú uma antiga canção, muitas vezes dançada por Lorival e sua 'sempre-viva' paixão na zona, a esperta Linda. A proposta é incentivar, com o romantismo, a lembrança e o companheirismo, o primeiro dos difíceis passos necessários para a mudança.

'Seu' Lorival topa e o conflito é solucionado? 'Seu' Lorival somos nós.

Flavio Lenz, jornalista, autor de *Cabaré Davida*, diretor de Comunicação e Prevenção da ONG Davida.